

PATATIVA DO ASSARÉ: UM POETA DE MUITAS VOZES

Edmilson Nunes Brandão (UVA)

edmilson.22706@gmail.com

Ozanir Roberti Martins (UVA)

ozroberti@uol.com.br

Maria Cristina Prates Fraga (UVA)

prates_literatura@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho não tem por intenção analisar toda a obra “Cante Lá que eu Canto Cá: Filosofia de um Trovador Nordestino” (ASSARÉ, 2011), nem fazer um estudo exaustivo da teoria aqui proposta; tem por objetivo analisar o processo de enunciação e as funções da linguagem nos poemas de tradição popular e de tradição clássica do poeta Patativa do Assaré transcritos em seu livro, bem como as marcas de sentido que o poeta dá ao eleger esta ou aquela maneira de rimar. Para validar nossa pesquisa, será desenvolvida a teoria da enunciação de Roman Jakobson (1990, 2005); também será desenvolvida a teoria do dialogismo de Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2006, 2015) e o discurso como processo de formação ideológico, a luz das ideias de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e José Luiz Fiorin (1990). Busca-se aqui, desta maneira, alcançar o próprio indivíduo (o poeta de Assaré e seu destinatário, o matuto e o doutor) através de seu discurso; entendê-lo como sujeito ativo no mundo coletivo. E se as verdades se mostrarem inalcançáveis à razão humana, ao menos o homem se verá na esperança de alcançar sua identidade individual e coletiva.

Palavras-chave: Patativa do Assaré. Literatura. Linguagem. Ideologia. Sociedade.

1. *Introdução*

Antônio Gonçalves da Silva, nasceu em 5 de março de 1909, em Assaré, Ceará. De família simples, viveu e aprendeu na lida do dia a dia o que a sua própria terra, sertaneja e matuta, viria a lhe ensinar. Esteve por poucos anos na escola, o que lhe rendeu a fama errônea de poeta analfabeto. Patativa do Assaré aprendeu com os livros e com sua própria tradição, com os cantores e repentistas que cantavam e recontavam contos, histórias, notícias, a sua maneira própria de rimar.

Não é possível negar a influência das tradições nordestinas em sua poética, entretanto, também não é possível negar a influência de poetas como Camões, Borges, Bilac, Guimarães Rosa. O próprio Patativa do Assaré, em seu livro “Aqui tem Coisa”, afirma

Quando eu ouvi alguém ler um folheto de cordel pela primeira vez, aí eu fiquei admirado com aquilo, mas no mesmo instante, eu pude saber que eu

também poderia dizer em versos qualquer coisa que eu quisesse, que eu visse, que eu sentisse, não é? Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. Aí dali comecei a fazer versos. Em todos os sentidos. Com diferença dos outros poetas, porque os outros poetas fazem é escrever. E eu não. Eu faço é pensar e deixo aqui na minha memória. Tudo o que eu tenho, fazia métrica de ouvido. [...] A base era a rima e a medida. A medida do verso, com rima, tudo direitinho. Aí quando eu peguei o livro de versificação de Olavo Bilac e Guimarães Rosa, aí eu melhorei muito mais. Eu já tinha de ouvido, porque já nasci com o dom, não é? (ASSARÉ, p. 39, 2004)

Patativa do Assaré relacionou-se com seu ambiente natural, ora “árduo”, ora “idílico” tomando-o como seu. Deixou fluir em sua poética toda a tradição sertaneja ao mesmo tempo em que mergulhou na poética canônica construindo uma obra vasta, se não complexa em sua estrutura rítmica e temática. Patativa do Assaré, através da *poiesis* inscreveu-se em seu próprio ambiente.

Para o poeta matuto de Assaré, a memória é lugar de inspiração e repouso para sua palavra poética. Gonzaga cantou mais tarde o poema “A Triste Partida” de Patativa do Assaré: “Passei o dia trabalhando e pensando e deixando retido na memória. No outro dia, quando eu voltei à roça, eu terminei. Comecei como hoje, terminei como amanhã, viu?” (ASSARÉ, 2004, p. 48), a palavra está retida na memória enquanto o poeta está na enxada, capinando seu roçado e, somente mais tarde, é largada numa folha de papel para se eternizarem no tempo – o eternizarem no tempo.

2. Linguagem: enunciação, sujeito(s) e ideologia

A linguagem, apesar de ser de interesse dos estudos humanísticos e filosóficos desde o classicismo, só ganhou o status de ciência com os estudos do linguista francês Ferdinand de Saussure. O linguista reformulou o objeto de estudo da linguística ao estabelecê-la sob dicotomias. As *dicotomias saussurianas*; são respectivamente: *língua e fala*; *sincronia e diacronia*; *significante e significado*; *sintagma/paradigma*, sendo a primeira, chave para entender todo o conceito dele.

Entretanto, Ferdinand de Saussure ao dar importância aos estudos da estrutura da língua, pôs a fala em segundo plano, apenas afirmando ser ela, social. Somente com os estudos de Karl Bühler e, mais tarde, ampliados por Roman Jakobson, a fala foi reposta aos objetos de pesquisa da linguística.

Roman Jakobson debruçou-se sobre a enunciação a fim de extrair sua estrutura. Buscou, em Karl Bühler, fundamento para o que viria posteriormente a ser conhecido com “teoria da enunciação”. De Karl Bühler, Roman Jakobson entendeu que a enunciação é constituída num sistema de estruturas que se relacionam entre si num ordenamento coerente e hierárquico. Ana Maria Margarit, em 2008, afirma sobre a enunciação: “Ese órgano sirve para comunicar a otro algo sobre las cosas a través de un fenómeno perceptible por los sentidos que es la enunciación³³⁰”. (MARGARIT, 2008)

Karl Bühler desenvolveu o modelo tríadico da enunciação subordinando a três funções: emotiva, conativa e referencial. Ele entende a enunciação a partir das três *funções de sentido* ou *funções semânticas*: a função do representante que se baseia nos símbolos e sua relação com a realidade; a função expressiva, dependente do emissor – relaciona-se assim a interioridade do eu que emite a mensagem; função apelativa, um sinal para o receptor.

Roman Jakobson ampliou o modelo de Karl Bühler ao perceber a necessidade de incluir nos objetos de pesquisa a poética pelo seu caráter de discurso artístico; verdade é que por ser um discurso artístico, é tomado pela análise artístico-literária, o que para Roman Jakobson é errôneo aprisioná-la a uma única ciência dado que,

A poética trata fundamentalmente do seguinte problema: *Que é que faz de uma mensagem verbal uma obra de arte?* [...] a poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise da pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a linguística é a ciência global da estrutura verbal, a poética pode ser encarada como parte integrante da linguística³³¹. (JAKOBSON, p. 152, 2010)

Outro contraponto que Roman Jakobson levanta para defender sua ideia de que a palavra poética não deva ser estudada somente pelas ciências literárias é pelo fato da *relação entre a palavra e o mundo dizer respeito não apenas a arte verbal, mas realmente a toda espécie de discurso* (JAKOBSON, p. 152, 2010)

³³⁰ Esse *Organon* serve para comunicar a outro algo sobre as coisas através de um fenômeno perceptível pelos sentidos, que é a enunciação. (Tradução livre do autor)

³³¹ Roman Jakobson chama atenção ao fato de *traços poéticos* não pertencerem apenas à ciência da linguagem, mas a *toda a teoria dos signos, quer dizer, à semiótica geral*. (JAKOBSON, 2010, p. 152)

Roman Jakobson debruçou-se sobre a enunciação, ampliando assim o modelo anterior do linguista alemão a não mais três, mas seis funções da linguagem. Segundo Roman Jakobson,

O *remete* envia uma *mensagem* ao *destinatário*. Para ser eficaz, a mensagem requer um *contexto* a que se refere (ou “referente”, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um *código* total ou parcialmente comum ao remete e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um *contato*, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remete e o destinatário, que capacite ambos a entrar e permanecer envolvidos na comunicação. Todos esses fatores, inalienavelmente envolvidos na comunicação verbal, podem ser esquematizados como segue. (JAKOBSON, p. 156, 2010)

Remetente	Contexto	
	Mensagem	Destinatário
	Contacto	
	Código	

(JAKOBSON, 2010, p. 157)

A mensagem é aquilo ou alguém de que se fala dentro de um contexto. Ela é comunicada por um remete (ou emissor) a um destinatário; ambos possuem um código comum, transmitido através de um canal e que permite a efetuação da comunicação sem qualquer ruído.

A mensagem é objetiva, isto é, possui uma finalidade, podendo transmitir ideia, emoções e desejos, contendas ou persuadir a determinada ideia ou ação. Roman Jakobson determinou seis funções de acordo com sua finalidade: função referencial ou de comunicação, função expressiva ou emotiva, função apelativa ou conativa, função poética ou estética, função fática e função metalinguística. Segue-se o *sistema de comunicação de Jakobson* (apud JOSGRILBERG, [s/d], p. 42):



Para o pensador, “a estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente de sua função predominante” (JAKOBSON, 2010, p. 157).

A função *referencial* (denotativa/cognitiva) é a função dominante de inúmeras mensagens, cujo carácter aporta-se no referente da mensagem, isto é, no contexto a que a mensagem se insere. A função *emotiva* (ou expressiva) encontra-se na expressão da atitude do emissor em relação à mensagem a ser dita, isto é, uma expressão de certa emoção, seja ela verdadeira ou simulada. Para Roman Jakobson “O estrato puramente emotivo da linguagem é apresentado pelas interjeições” (JAKOBSON, 2010, p. 157). A função *conativa* (ou apelativa) centra-se no destinatário da mensagem e tem por objetivo a intenção de persuasão. Os verbos, normalmente, são usados no modo imperativo. A função *fática*, cujo único objetivo é o prolongamento da comunicação, centra-se no canal de comunicação. A função *metalingüística* centra-se no código utilizado pelo emissor e destinatário. Segundo Roman Jakobson, “Sempre que o remetente e/ou o destinatário têm a necessidade de verificar se estão usando o mesmo código, o discurso focaliza o código; desempenha uma função metalingüística (isto é, de glosa)” (JAKOBSON, 2010, p. 162). A função *poética* (estética) centra-se na mensagem, cuja característica é conceder a linguagem criatividade e dimensão afetiva recorrendo ao uso das figuras da sonoridade e da linguagem bem como à rima e ao ritmo.

Roman Jakobson afirma que “qualquer tentativa de reduzir a função poética à poesia ou de confinar a poesia a função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora” e ainda afirma, “Ao promover o carácter palpável dos signos, tal função aprofunda a dicotomia fundamental de signos e objetos. Dai que, ao tratar da função poética, a linguagem não possa limitar-se ao campo da poesia”. (JAKOBSON, 2010, p. 163)

Distinto de Roman Jakobson, Mikhail Mikhailovich Bakhtin e José Luiz Fiorin, retomam a *língua* como objeto proposto por Ferdinand de Saussure; todavia, para Mikhail Mikhailovich Bakhtin, a língua só pode ser entendida relacionada a um sujeito concreto, partícipe *em carne e osso* no ambiente social, onde ele influencia e é influenciado. O sujeito bakhtiniano é alguém que fala, com “intenções de comunicação”, cuja característica é a individualidade e subjetividade, mas não uma individualidade que o torne único no discurso, mas em estado dialógico – a língua é um fenómeno social marcado pelo dialogismo.

Assim como em Ferdinand de Saussure, Mikhail Mikhailovich Bakhtin analisa a língua pelo seu carácter social, entretanto, distinto do linguista suíço, ele escolhe como objeto de estudo a fala por ela se encontrar ligada às estruturas sociais. O enunciado é constituído por ideologias, diferente do objetivismo abstrato de Ferdinand de Saussure e do

subjetivismo proposto por linguistas anteriores. Segundo Mikhail Mikhailovich Bakhtin,

Queremos, agora, considerar a atenção para o seguinte: ao considerar que só o sistema linguístico pode dar conta dos fatos da língua, o objetivo abstrato rejeita a enunciação, o ato de fala, como sendo individual. Como dissemos, é esse o *próton pseudos*, a “primeira mentira”, do objetivismo abstrato. O subjetivismo individualista, ao contrário, só leva em consideração a fala. Mas ele também considera o ato de fala como individual e é por isso que tenta explicá-lo a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante. E esse é o seu *próton pseudos*. (BAKHTIN, 2006, p. 111)

Mikhail Mikhailovich Bakhtin rompe com a distinção entre *conteúdo interior* e *expressão exterior*, isto é, o aspecto da *expressão-enunciação* é determinado pela situação social presente no ato de fala. A enunciação acontece na interação entre dois sujeitos reais, cuja função do interlocutor variará de acordo com a posição social. Segundo Mikhail Mikhailovich Bakhtin,

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato. (BAKHTIN, 2006, p. 114)

Há, em Mikhail Mikhailovich Bakhtin, três princípios basilares entrelaçados entre si que compõem sua teoria: *linguagem*, cuja essência se encontra no aspecto concreto da língua – a fala; *social*, marca das influências das teorias de Karl Marx e da sociologia. Para o linguista, a linguagem é um fenômeno dialógico; *ideologia*, em que enunciação acontece em um espaço referente, isto é, orientada por um contexto, onde a palavra é lugar de confronto de valores.

José Luiz Fiorin estuda a linguagem, assim com Mikhail Mikhailovich Bakhtin, pelo aspecto relacional; entretanto, o linguista brasileiro centra seu estudo na relação da linguagem com um sujeito concreto e ideológico. Sua obra tem como pressupostos os estudos de Karl Marx e Friedrich Engels, que possibilitaram ao pesquisador brasileiro estudar o ato de comunicação interligado à formação ideológica do indivíduo, cuja efetivação é possível a partir de fatores sociais. Em José Luiz Fiorin, a “linguagem é, antes de tudo, uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, entre os homens e outros homens”. (FIORIN, 1998)

É fundamental, antes, determinar algumas distinções entre termos apresentados por José Luiz Fiorin, que possibilitam o entendimento de suas teorias. A primeira, *discurso e a fala*, o discurso – “[...] as combinações de elementos linguísticos, [...] usados pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos” (FIORIN, 1998, p. 11), isto é, estruturado sintática e semanticamente; a fala seria a concretização desse discurso, sua exteriorização.

A segunda distinção, sintaxe discursiva de semântica discursiva, a sintaxe é consciente, enquanto que a semântica é inconsciente, já que, para o indivíduo se expressar, é preciso estruturar o que vai ser dito, diferente do conteúdo que tem interferência do contexto social.

O texto é um dos canais por onde se realiza o discurso. José Luiz Fiorin define, assim, dois tipos de texto: o discurso temático e o discurso figurativo:

Tema é o elemento semântico que designa um elemento não-presente no mundo natural, mas que exerce o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis. São temas, por exemplo, amor, paixão, lealdade, alegria. Figura é o elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural: casa, mesa, mulher, rosa etc. A distinção entre ambos é, pois, de maior ou menor grau de concretude. Temos que entender, no entanto, que nem sempre essa distinção é fácil de ser feita, pois concreto e abstrato são dois polos de uma escala que comporta toda espécie de gradação. (FIORIN, 1998, p. 24)

Nenhum indivíduo encontra-se livre de ideologias; todas as suas ideias e pensamentos são influenciados pelo contexto social no qual ele está inserido. Para o pensador, há dois níveis de realidade: “[...] um de essência e um de aparência, ou seja, um profundo e um superficial, um não visível e um fenomênico” (FIORIN, 1990, p. 20). A ideologia é formada pelo nível da aparência; a realidade, ao contrário, se dá pelo nível da essência. A ideologia é ordenada pela realidade, ao mesmo tempo em que é construtora dessa mesma realidade – “a linguagem cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico. Assim, a linguagem ‘criadora de uma imagem do mundo é também criação desse mundo’”. (FIORIN, 1998, p. 53)

A linguagem, neste sentido, determina a formação ideológica, uma vez que é através dela que se transmite qualquer forma de conhecimento – é pela linguagem que o indivíduo se relaciona com os outros e pode interferir no mundo.

3. *Patativa do Assaré: poeta de muitas vozes*

O objetivo aqui proposto é estudar a estrutura da poética de Patativa do Assaré presente em sua obra “Cante Lá que eu Canto Cá” (2011) e intencionalidade presente nas muitas maneiras do poeta representar sua realidade. Para isso, essa pesquisa buscou na teoria da enunciação de Roman Jakobson entender a estrutura enunciativa presente na obra patativiana. Também, buscou-se entender como o poeta cearense relaciona-se aos sujeitos partícipes, a saber, a relação entre o poeta com seu mundo e sua poética, bem como em relação com os destinatários de sua obra, ora matuto sertanejo, ora a autoridade e academia. Aqui, auxiliará os estudos anteriormente desenvolvidos da “teoria do dialogismo” de Mikhailovich Bakhtin e os estudos da linguagem, sob o aspecto ideológico, formulados por José Luiz Fiorin. A finalidade é verificar os vários mundos em que Patativa do Assaré se inscreveu com sua palavra poética, tornando-se um sertanejo capaz de dizer aos seus e em nome dos seus.

Segundo Roman Jakobson, um enunciado pode ser construído com mais de uma função. A comunicação é um complexo sistema interligado em seus elementos internos. Roman Jakobson definiu seis unidades que compõem o discurso; lembra-se aqui: *emissor; receptor; mensagem; código; canal; referente*; cada qual com sua especificidade e função para a realização do ato de fala, respectivamente: *função emotiva, função conativa; função poética; função metalinguística; função fática; função referencial*. As funções dar-se-ão não de modo isolado na fala, mas hierarquicamente segundo a predominância.

Seguindo a ideia de Roman Jakobson, na obra poética patativiana, a *mensagem* é a matriz primária da enunciação sendo a poética a função predominante – característica comum às obras líricas. Roman Jakobson, quanto a isso, utiliza-se das observações de Smith, quando o pensador afirma:

[...] elementos linguísticos que servem para caracterizar quem fala, sua atitude em relação ao que diz e a quem ouve. Às vezes essas diferentes funções agem em separado, mas normalmente aparece um feixe de funções. Tal feixe de funções não é uma simples acumulação: constituiu uma hierarquia, e é sempre muito importante saber qual a função primária e quais as funções secundárias. (JAKOBSON, 2010, p. 22)

Basta, portanto, determinar de que maneira a função poética se estabelece no enunciado lírico do poeta cearense, podendo estar subordinado a outras funções ou estar como a função central, ordenadora da mensagem.

Caboclo roceiro das plagas do norte,
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,
A tua desdita é tristonha que canto,
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.
Ninguém te oferece um feliz lenitivo
És rude, cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também tua escola,
Teu braço é a mola que move a cidade.
De noite, tu vives na tua palhoça,
De dia, na roça, de enxada na mão,
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vê o motivo da tua opressão
(...)

(ASSARÉ, 2011, p. 99)

Em Patativa do Assaré, o referente, (isto é, o contexto em que sua poesia se enraíza) marca sua palavra de maneira a moldar sua temática,

*Caboclo roceiro das plagas do norte,
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar.*

O referente, na enunciação patativiana, encontra-se moldado e ordenado pela mensagem comunicada pelo eu-lírico. O próprio Roman Jakobson diz,

A supremacia da função poética sobre a função referencial não oblitera a referência, mas torna-a ambígua. A mensagem de duplo sentido encontra correspondência num remetente cindido, num destinatário cindido e, além disso, numa referência cindida [...]. (JAKOBSON, p. 191-192, 2010)

O Eu poético (emissor) de Patativa do Assaré é constituído de várias vozes. A mensagem ordena o receptor segundo a quem o poeta destina sua lírica: ao caboclo

*Minha gente! Minha gente!
Eu sei ocortá meu pranto,
não pense que eu tou contente
Quando na viola canto [...]*

(ASSARÉ, 2011, p. 121)

ao doutor

*Seu dotô, só me parece
que o sinhô não me conhece,
nunca sobe quem sou eu,
nunca viu minha paioça,
minha muié, minha roça
e os fios que Deus me deu.
[...]*

(ASSARÉ, 2011, p. 114)

– e aqui, o eu-lírico de Patativa do Assaré é capaz de inserir-se em muitas realidades. Ora ele é a voz do matuto, com código caboclo de dizer a vida, não de todo incomum ao “doutor”; ora é a voz daquele que se aposou dos códigos do “doutor” a fim de sua fala se tornar mais audível

Esta noite, já quase madrugada,
no silêncio melhor de toda gente,
Despertei do meu sono de inocente
pelo doido ladrar da cachorrada. [...]

(ASSARÉ, 2011, p. 233)

O eu-lírico patativiano, desta maneira, interage profundamente com seu interlocutor. Segundo o que foi estudado de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e José Luiz Fiorin, a linguagem, sob o aspecto relacional entre emissor e destinatário estabelece-se por axioma cujo carácter é dialético, isto é, diálogo enunciativo entre os indivíduos envolvidos num círculo de comunicação e que se encontram inscritos num caudal cultural formador e unificador, conectados por códigos semelhantes, ideologias e pela maneira de se ver e se relacionar com o outro e com o mundo. Segundo Mikhail Mikhailovich Bakhtin,

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se ele se relacionasse à parte. (BAKHTIN, 2015, p. 49)

A musicalidade na poesia patativiana não é um mero dispor de palavras no papel; é fazer do poeta inserido na tradição mnemônica sertaneja:

Escuta que eu vou agora
Cantá tudo em *carretilha*

(ASSARÉ, 2011, p. 182)

Ronald Daus, em seu estudo sobre cordel “O Ciclo dos Cangaceiros na Poesia Popular do Nordeste”, afirma, “igualmente entrelaçada e também inventada pelos repentistas nordestinos é a *parcela* ou *carretilha*”. (DAUS, 1982)

Em Patativa do Assaré, a palavra poética é construída dialeticamente a fim de tocar as consciências sociodialógicas. Poeta e destinatário se interligam num código comum à sua “gente”; numa maneira comum de construir sua poesia. Francisco Salatiel de Alencar, na apresentação da 16ª edição da publicação do livro “Cante lá que eu Canto cá: Filosofia de

um Trovador Nordestino”, de Patativa do Assaré, afirma: “(...) há um estímulo permanente: a certeza de alcançar a alma do povo ao se identificar com seu código de valores, suas formas expressivas e as ocasiões marcantes de comunicação intensa” (PATATIVA, 2011, p.9).

O poeta se reconhece pertencente a sua “gente cabocla”, sua existência é uma gota semelhante à dos muitos que o rodeiam. Em Patativa do Assaré, a poesia é retirada da realidade sertaneja. O sertão é tema e memória, rima e métrica que ecoa naturalmente em sua palavra poética:

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

(ASSARÉ, 2011, p. 25)

Mikhail Mikhailovich Bakhtin constrói o enunciado sob a perspectiva do *dialogismo*, contanto, não reconhece que “na maioria dos gêneros poéticos (no sentido restrito do termo) não se emprega artisticamente a dialogicidade interna do discurso” (BKAHTIN, 2015, p. 58). Não é intenção aqui questionar autores que muito se dedicaram a estudos exaustivos sobre a linguagem e seria desrespeitoso dado o tempo curto e pouca pesquisa aqui realizada; mas pretende-se propor outra análise a esse respeito.

O enunciado poético em Patativa do Assaré tem por princípio o conhecimento e relação que o poeta possui de mundo com os olhos do próprio “caboclo”: o código que compõe sua poesia, seu tema, suas estruturas rítmicas e métricas, como no poema que se segue:

Setembro passou, com outubro e novembro
Já tamo em dezembro.
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre do seco nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz.
A treze do mês ele fez a experiência,
Perdeu sua crença
Nas pedra de sá.
Mas nota experiência com gosto se agarra,
Pensando na barra

(...)

Agora pensando segui ôtra tria,
Chamando a fãmia
Começa a dizê:
Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,
Nós vamo a São Palo

Vive ou morre.

(ASSARÉ, 2011, p. 89)

O código usado pelo poeta é próprio do falar matuto “ele fez a *ex-periência*” / “segui ôtra *tria*”. Patativa do Assaré não fantasia o enunciado caboclo, ele o vivencia em seu dia a dia – ele é caboclo. No sertão ele aprendeu a representar o mundo, com seus códigos, seu olhar de nordestino de ser, vivendo numa existência que se mostra trágica eternamente. Ele se articula e é articulado à sua “gente” por ideologias que entrelaçam sua palavra à realidade alheia, do outro sertanejo, e, por sua vez, à sua palavra que se faz poesia.

Patativa do Assaré pouco teve na escola. O que aprendeu, parte foi com a vida, no sertão, contanto, o pouco contato com os livros foi o suficiente para tornar-se um autodidata. Sua poesia teve influência para além dos cantadores repentistas e cordelista (Patativa do Assaré também fora cordelista e repentista). Ele se formou nas rimas clássicas de Camões e Borges, na escrita regionalista de Guimarães Rosa, o que o tornou um poeta de muitas vozes, exemplo do soneto que se segue,

Amanhã, ilusão doce e fagueira,
Linda rosa molhada pelo orvalho:
Amanhã, findarei o meu trabalho,
Amanhã, muito cedo, irei à feira.
Desta forma, na vida passageira,
Como aquele que vive do baralho,
Um espera a melhora no agasalho
E outro, a cura feliz de uma cegueira.
Como o belo amanhã que ilude a gente
Cada qual anda alegre e sorridente,
Como quem vai atrás de um talismã.
Com o peito repleto de esperança,
Porém, nunca nós temos a lembrança
De que a morte também chega amanhã.

(ASSARÉ, 2011, p. 181)

A maneira como Patativa do Assaré constrói sua lírica, ora sob medida e métrica classicista ora sob medidas e métrica popular (muita das influências dos cantadores cordelistas e repentistas), é marca de intencionalidade. O poeta de Assaré se torna o poeta caboclo quando constrói sua lírica a maneira do poeta caboclo: com ritmos e códigos comuns ao sertanejo; todavia, torna-se o poeta classicista quando constrói sua lírica a maneira do poeta classicista: com ritmos e códigos comuns aos clássicos e acadêmicos.

Há um Patativa do Assaré capaz de se embrenhar por vários caminhos, seja de chão batido, onde a vida cabocla bate a porta, seja por avenidas e calçadas bem desenhadas onde “ternos e paletós desfilam esbanjando sapiência”. O poeta fala para e por sua “gente” e se faz entender no construto comum a cada ideologia, a cada grupo; enunciados ditos sob a medida certa.

4. *Considerações finais*

Patativa do Assaré utilizou-se de ambos os discursos (popular e acadêmico), pois a si, interessou dar sentido a existência que o cerca. Ele construiu sua poética em múltiplos mundos, subordinando sua palavra a cada realidade e cada indivíduo circunscrito em sua própria esfera cultural. Foi livre em sua criação, liberdade que fez do poeta de Assaré circunscrito em muitas realidades.

Nenhuma prática sociocultural é fonte pura. Terry Eagleton, em seu livro *A Ideia de Cultura*, cita Edward Saïd ao afirmar que “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas” (SAÏD, *apud* EAGLETON, 2011, p. 28-29)

Patativa do Assaré gera sua poética das fontes da tradição literária e do “saber popular” convergindo uma a outra. Sua arte está em defesa do homem matuto; seu poema diz o sertão e é o próprio sertão, tematizado e enriquecido pelas maneiras do caboclo dizer a realidade que o cerca, com seus códigos e canais que lhes são comuns.

Percorrer pelas trilhas poéticas patativiana é percorrer pelo Brasil, como próprio Patativa do Assaré afirma, o “Brasil de baixo”. Sua palavra poética é a expressão artística nascida da força, da resistência e da criatividade peculiar do “mundo dos simples”. Conheçê-lo é somar valores à cultura brasileira. O poeta do Assaré fez poesia na mesma língua de escritores cultos como João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa; fez poesia na mesma língua dos cantadores do sertão. Versificou na mesma língua, no mesmo país, no mesmo período histórico e tratou de temas tão semelhantes à sua realidade de maneira aberta a outras realidades. Ele é voz e um “texto aberto”, por isso universal. Há de conferir importância a sua obra de variedade temática e da “fatura” de versos que o poeta do sertão fez. É uma poesia que inspira e expira o sertão de patativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSARÉ, Patativa do. *Aqui tem coisa*. São Paulo: Hedra, 2004.
- _____. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 16. ed. Petrópolis: Vozes; Crato: Fundação Pe. Ibiapina, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Trad.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- CARVALHO, Gilmar de. A voz poética do sertão. *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; Vera Cruz, ano 2, n. 13, nov. 2004.
- CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- DAUS, Ronald. *O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do nordeste*. Trad.: Rachel Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad.: Sandra Castello Branco. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- _____. *Linguagem e ideologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad.: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.
- _____. *Poética em ação*. Seleção, prefácio e organização: João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva/Universidade de São Paulo, 1990.
- JOSGRILBERG, Rute. *Linguagem e argumentação*. Dourados: UNIGRAN, [s./d.]. Disponível em:
<http://eadgrad.unigran.br/webaulas/grad_12014/farmacia/linguagem_argumentacao/arquivos/aula03.pdf>.
- MARGARIT, Ana Maria. *Aproximación a una tipología de textos*. Publicado em 12 de mar. 2008. Disponível em:

<<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/programa/2008/03/12/aproximacion-a-una-tipologia-de-textos>>. Acesso em: 28-11-2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidor Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.